COMERCIANTES vizinhos preocupados com o futuro. Correio Popular, Campinas, 27 dez. 1986.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE000127

Comerciantes vizinhos preocupados com futuro

Agora que não existe mais o Supermercado Eldorado, que era a base de sustentação de muitos pontos comerciais nas ruas vizinhas, os comerciantes estão preocupados com a queda no movimento e já admitem dispensar parte dos funcionários. A decisão da diretoria do supermercado será fundamental para os pequenos empresários, muitos dos quais na segunda-feira irão reabrir as portas com protestos: contra a Prefeitura, a Telesp, a Polícia Militar, bombeiros e também contra a direção do supermercado por não ter tomado providências que evitassem a tragédia.

"Eldorado", segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, significa "país imaginário que se dizia existir na América Meridional; lugar pródigo em delícias e riquezas". Como o próprio nome do supermercado destruído, pelo fluxo de pessoas que recebia diariamente as lojas nas imediações também eram favorecidas. Agora, no entanto, as cenas são outras, como de uma área abandonada e com as marcas da tragédia: jogados nas ruas contrastam o coturno de um bombeiro com brinquedos e pedaços de paredes, as fumaças e os escombros, calçadas destruídas, moradores desesperados e do prédio se avista um extintor de incêndio intacto. As bancas dos pequenos comerciantes também estão abandonadas, como a de flôres que agora lembra uma estufa, ou a fotomática em frente da porta de entrada do supermercado e que sobreviveu ao incêndio, assim como os telefones públicos.

Revolta e tristeza

"Nós, que somos comerciantes da Benjamin Constant em frente do Eldorado, estamos prejudicados porque o incêndio também danificou nossos estabelecimentos: telhados e vidros quebrados, além do que dependemos dos clientes e não podemos trabalhar. Como fica essa situação? Os grandões do Eldorado estão no Guarujá e nós sem condições de fazer algo. Um dos gerentes do supermercado me disse que levará talvez 15 dias ou mais para a seguradora liberar o dinheiro, mas nesses dois dias que ficamos fechados, dia 24 e hoje (ontem), tivemos grandes prejuízos".

O proprietário da JR Teixeira Imóveis, José Roberto Teixeira, disse ainda que "no dia 24 eu tinha que receber de clientes Cz$ 26 milhões e hoje (ontem) Cz$ 16 milhões. Eu entendo que tenha sido um acidente, mas as autoridades que tomem providências porque não sou mais dono do que é meu. Minha imobiliária depende de telefone, mas a Telesp diz que está de plantão e que ainda vai ver o problema. Acontece que os fios estão todos aí jogados, as paredes do supermercado no caem não caem e o povo nas imediações querendo comprar, fazer negócio e ver como ficou a quadra".

Como poucas lojas, a camp Agro estava aberta ontem e o proprietário Walter Bisco também reclamou da dificuldade em conseguir a ligação telefônica, mas estava um pouco aliviado com o fornecimento da energia elétrica. Ele disse que "se a parede desse lado da Benjamin Constant não caiu com a pressão da água e o fogo, não vai cair agora e também vou reabrir meu estabelecimento na segunda-feira como protesto porque não deixam os clientes virem até nossas lojas. As autoridades que cerquem a metade da rua". O outro comerciante afirmou que "não podem dirigir isso aqui como se fosse um quartel". Walter Bisco contou que ontem três clientes seus tentaram ir à loja comprar medicamentos para animais e "é bom alguém tomar alguma providência porque na segunda-feira vamos reabrir com força total".

Mudando o ponto comercial

O dono de uma banca de chaves em frente do supermercado, José Luiz Rocatti, teve menos prejuízo porque ao saber do incêndio "arrastei minha banca para o outro lado da rua, onde pretendo continuar trabalhando, o que vai depender da autorização dos proprietários do supermercado que são donos da área. Ainda não sei bem o que fazer, se terei que ir procurar outro ponto comercial". Na esquina das ruas Benjamin Constant com Senador Saraiva, era grande o movimento de pessoas na Loja Maeda Modas Infanto-juvenis, que esteve aberta ontem.

A proprietária do estabelecimento, Kyoe Maeda, disse que abriu a loja para limpá-la devido o cheiro de queimado. Mas quanto ao movimento disse que "está havendo muitos curiosos fingindo que compram porque o que querem é ver o prédio distruído pelo fogo. Na véspera do Natal, quando houve o incêndio, teríamos vendas equivalentes a duas semanas por causa do movimento. Agora, sem o Eldorado vão cair às vendas e estamos preocupados com o aluguel da loja; se cair muito o movimento vamos ter que sair daqui e também não poderemos manter as cinco balconistas por muito tempo".

A solidariedade

"Como toda cidade sentimos pela tragédia e estamos dispostos a colaborar", disse o chaveiro José Luiz Rocatti.

"É. Estamos ajudando com a abertura de fechaduras, buscávamos mangueiras durante o incêndio. E por que a Prefeitura não pediu ajuda para o Exército para demolir?", questionou o negociante de imóveis José Roberto Teixeira.

"Mas Zé, nós dependíamos em 100% do funcionamento do Eldorado! Minha família vivia com isso e talvez sem o Eldorado, que era a vida dessa região, eu tenha que ir para outro local da cidade".

"A Prefeitura podia ajudar a tirar isso aí", enfatizou o proprietário da imobiliária.

"Mas a Prefeitura não pode mexer em prédio particular. Acho que está todo mundo bobo. Sinto como se minha casa tivesse caído", disse o chaveiro.

"Eu não tive Natal, nada. Fiquei aqui ajudando", lamentou José Roberto Teixeira.